

Actos de Língua

James Newitt e Carlos M. Oliveira

[PT]

Nesta instalação de vídeo, Carlos M. Oliveira e James Newitt cruzam as suas práticas de coreografia e de imagem em movimento, respetivamente, para dar conta da expressão corpórea das línguas e da fricção que ocorre na comunicação entre pessoas.

O trabalho traz para primeiro plano diferenças entre línguas cuja expressão passa pelo corpo, expondo uma multiplicidade de modos de comunicação e a sua possível coabitação. Propõe uma sensibilidade à diversidade dos corpos, enquanto confunde divisões entre eficiência e deficiência. A ideia de tradução como equivalência de sentidos é rejeitada, e em alternativa o sentido é tido como algo em transformação permanente, em benefício de outras existências comuns.

Actos de Língua problematiza o que significa viver numa comunidade feita de diferenças, na qual a linguagem acontece como um acto de constante tradução e transmissão: um gesto social que carrega clareza e mal-entendidos, assim como murmúrios, tremores e vibração.

A instalação é apresentada em loop, com uma duração de 44 mins.

Esta exposição inclui audiodescrição e legendagem descritiva.

Direcção Artística: Carlos M. Oliveira e James Newitt

Videografia: James Newitt

Coreografia: Carlos M. Oliveira

Composição Musical e Mistura de Som: Diogo Alvim

Interpretação: Maria Meneses, Ana Trincão, Aliu Baio, Tarlie Lumbie, Ana Ribeiro, Tony Weaver

Interpretação em LGP: Teresa Figueiredo

Captação de Som: Maria Khadija

Audiodescrição e Legendagem Descritiva: José Gregório Rojas

Consultoria à Audiodescrição: Aliu Baio

Revisão do Guião de Audiodescrição: Mafalda Banquart

Luz: Luís Moreira

Construção de exposição: David Leitão

Estúdio de Gravação: Espaço Parasita

Residências Artísticas: ARS-ID / Projecto Pontes (Fundão),

Associação Parasita

Produção Executiva e Administração: Lysandra Domingues

Produção: c.o.t.a.o.

Co-produção: Anda&Fala

Apoio: Carpintarias de São Lázaro, Fundação Calouste Gulbenkian, República Portuguesa – Cultura, Juventude e Desporto I DGARTES – Direção-Geral das Artes; Câmara Municipal de Lisboa

Agradecimentos: Diana Niepce, Raquel André, Sofia Neuparth, Inês Cóias, Lucas Almeida, Carlos Fernandes, Thyra Dragseth, Sara Magno

Actos de Língua

O seguinte programa da exposição *Actos de Língua*, propõe alargar as suas referências e questões, convidado um conjunto de artistas e investigadores com quem se abordarão temas tão diversos quanto o corpo não normativo nas artes, a relação entre imagem em movimento e o movimento dos corpos, bem como as afinidades entre coreografia expandida e cinema expandido.

Sábado, 12 de setembro | 18h | Piso -1

CRASH com Diana Niepce

Apresentação de excertos de trabalhos de artistas com deficiência, para uma reflexão existencialista conduzida pela coreógrafa e bailarina Diana Niepce sobre os limites da arte, da ética e da transgressão. Serão exibidas obras relacionadas com sadomasoquismo, o Holocausto, transformações corporais e performances violentas.

Em Língua Portuguesa com Interpretação em Língua Gestual Portuguesa.

Sábado, 19 de setembro | 18h | Piso -1

3 'FILMDANCES' DE ELAINE SUMMERS seguidos de conversa com Sílvia Pinto Coelho e Ana Godinho

Para Elaine Summers, o cinema e a dança pertenciam a um único campo de exploração, e não a categorias separadas. Mesmo os seus trabalhos mediados por filme são tanto dança como filme. “Two Girls Downtown Iowa” (1973) faz uso da lentidão para criar movimentos que escapam à gravidade, acabando por misturar dança e vida pedestre. “Windows in the Kitchen” (1981) segue a bailarina afro-americana Matt Turney, ex-bailarina estrela da companhia Martha Graham, que aqui explora o movimento interno do corpo de acordo com “Kinetic Awareness”, a técnica de dança de Summers. Contra as grandes janelas do famoso centro de arte The Kitchen em Nova Iorque, Summers brinca com o nosso sentido de tempo, ao som do canto acentuado de Jay Clayton. “Judson Fragments” (1965) foi criado como uma improvisação a partir de filmes que Elaine Summers usou no seu inovador concerto a solo de técnica mista “Fantastic Gardens” (1964), juntamente com material que filmou durante o seu tempo com o coletivo Judson Dance Theatre. A música dos compositores Malcolm Goldstein e John Herbert McDowell completa a obra, num testemunho do espírito de colaboração artística livre e aberta que era tão característico da época e desta comunidade artística.

Em Língua Portuguesa com Interpretação em Língua Gestual Portuguesa.

As obras de Elaine Summers são cortesia da Jerome Robbins Dance Division, da New York Public Library for the Performing Arts, com um agradecimento especial ao Artistic Estate of Elaine Summers.

Sábado, 26 de setembro | 18h | Piso -1

PARTES DE PARTITURAS com James Newitt e Carlos M. Oliveira

Partindo do projecto *Actos de Língua*, os seus dois autores discutem o uso de partituras na confluência entre coreografia expandida e cinema expandido. Discutem-se partituras coreográficas, partituras de gravação, e partituras de montagem, sejam estas de imagens ou de corpos em movimento.

Em Línguas Portuguesa e Inglesa com Interpretação em Língua Gestual Portuguesa.

Sábado, 03 de outubro | 14h | Piso -1

AUDIODESCRIÇÃO NAS ARTES VISUAIS com José Gregório Rojas

Workshop de curta duração com a audiodescritora José Gregório Rojas, em torno de boas práticas de audiodescrição no contexto das artes visuais, tendo a instalação *Actos de Língua* como exemplo.

Em Língua Portuguesa.

Sábado, 03 de outubro | 18h | Piso -1

CORPOS E LÍNGUAS com Aliu Baio, Ana Ribeiro, Ana Trincão, Maria Meneses, Teresa Figueiredo, Tony Weaver. Moderação de Diana Niepce

Conversa com os intérpretes da Instalação *Actos de Língua*, em torno da relação entre corpos normativos e não normativos nas artes performativas em Portugal, moderada pela coreógrafa e bailarina Diana Niepce.

Conversa em Língua Portuguesa com Interpretação em Língua Gestual Portuguesa.

Sábado, 10 de outubro | 18h | Piso -1

THE TUBA THIEVES com Ellie Ga e Ana Ribeiro

Projeção do filme *The Tuba Thieves* (2023), da realizadora norte-americana Alison O'Daniel, seguido de conversa com as artistas Ellie Ga e Ana Ribeiro, em torno da relação entre corpo, imagem e escuta.

Filme em Língua Inglesa com legendagem descritiva e audiodescrição em Língua Inglesa.

Conversa em Línguas Portuguesa e Inglesa com Interpretação em Língua Gestual Portuguesa.

O filme de Alison O'Daniel é cortesia da Open Captions LLC.

Sábado, 17 de outubro | 19h | Piso 1

ACTO—CONCERTO com Diogo Alvim

Concerto do músico e compositor Diogo Alvim, a partir do dispositivo multicanal de *Actos de Língua*. O concerto desenvolve os diversos materiais sonoros usados na instalação, explorando diferentes relações espaciais e comunicacionais.

Folhas no folheto *(reparar nas infraestruturas da percepção e do discurso)*

Paula Caspão

Actos de Língua faz-me repensar no que significa – para cada um/a de nós – encontrarmo-nos aqui plantadas. O que significa operar a partir das nossas línguas, linguagens e linguajares, bem como a partir da especificidade dos nossos equipamentos de percepção e movimento: as suas possibilidades, constrangimentos, hábitos e estilos particulares. Certo é que as formas mais naturalizadas de sentir, identificar, nomear, classificar, relacionar, separar e transmitir são tudo menos neutras. É por isso que o facto aparentemente simples de usar diariamente o corpo e a linguagem para pensar, sentir e fazer coisas, requer atenção à maneira como a história e a ideologia se movimenta e sedimenta não apenas nas palavras, mas também nas infraestruturas da percepção e do movimento; à maneira como as nossas formas de organizar movimentos, sentires e discursos viajam através de histórias e ideologias que comportam múltiplas camadas de violência sistémica.

Ao interrogar as condições e os termos em que nos movemos, sentimos, (re)conhecemos, pensamos e comunicamos, *Actos de Língua* aborda factos sociopolíticos que se encontram habitualmente bem camuflados no quotidiano e passam despercebidos como a folha no folheto. Não fossem a percepção e o discurso aquelas coisas que fazemos todos os dias (a dimensão ‘doméstica’ da vida e de qualquer trabalho artístico, por assim dizer); as coisas em que raramente temos tempo de reparar em boas condições. *Actos de Língua* dá-se precisamente, parece-me, como convocação dessas domesticidades que constituem o chão a partir do qual nos é dado repensar a composição do comum. Um comum suficientemente complicado em que abundem as complicitades dissonantes. O chão que emerge quando começamos a perguntar, por exemplo:

Como dar conta das várias camadas de violência sistémica patentes nas infraestruturas da percepção de todos os dias.

Como interrogar profundamente as infraestruturas do conhecimento e da história (que são tributárias de infraestruturas de percepção e discurso profundamente incorporadas), que tantas vezes nos impedem de conhecer de outras maneiras, de ver e ouvir outras histórias, de imaginar outras formas de relação e outras formas de vida.

Como é que podemos mover-nos contra a corrente da institucionalização do movimento contínuo sem pausas (a pedagogia implícita do capitalismo).

Que práticas de percepção coletiva precisamos de ensaiar, para vivermos em melhores condições do que aquelas que nos são oferecidas na atual sociedade da performance (a que podemos também chamar ‘sociedade da plantação mais que expandida’).

Que movimentos – que imagens – que imaginações – que mediações – da percepção e do discurso faz falta praticar ensemble, diferentemente.

Actos de Língua

James Newitt and Carlos M. Oliveira

[ENG]

In this video installation, Carlos M. Oliveira and James Newitt bring together their respective practices of choreography and moving image, in order to address the bodily expression of language and the friction that occurs in communication between people.

The work highlights differences between languages whose expression passes through the body, exposing a multiplicity of modes of communication and their possible cohabitation. It explores a sensitivity to the diversity of bodies while blurring divisions between ability and disability. The idea of translation as equivalence of meanings is rejected, and instead the work considers meaning that is in permanent transformation, supporting other forms of common existence.

Actos de Língua problematizes what it means to live in a community made of differences, in which language is an act of constant translation and transmission: a social gesture that carries clarity and misunderstanding, as well as murmurs, tremors, and vibration.

The installation plays on a loop, the video's duration is 44 mins.

This exhibition includes audio-description and descriptive subtitles.

Artistic Direction: Carlos M. Oliveira e James Newitt
Videography: James Newitt
Choreography: Carlos M. Oliveira
Sound mix and composition: Diogo Alvim
Performers: Maria Meneses, Ana Trincão, Aliu Baio, Tarlie Lumbie, Ana Ribeiro, Tony Weaver
LGP interpretation: Teresa Figueiredo
Sound recording: Maria Khadija
Audio description and descriptive subtitles: José Gregório Rojas
Audio Description Consultancy: Aliu Baio
Audio Description Script Review: Mafalda Banquart
Lighting: Luís Moreira
Exhibition construction: David Leitão
Filming studio: Espaço Parasita
Artistic residencies: ARS-ID / Projecto Pontes, Associação Parasita
Executive production and administration: Lysandra Domingues
Production: c.o.t.a.o.
Co-production: Anda&Fala
Support: Carpintarias de São Lázaro, Fundação Calouste Gulbenkian, República Portuguesa – Cultura, Juventude e Desporto | DGARTES – Direção-Geral das Artes; Câmara Municipal de Lisboa
Acknowledgments: Diana Niepce, Raquel André, Sofia Neuparth, Inês Cóias, Lucas Almeida, Carlos Fernandes, Thyra Dragseth, Sara Magno

Actos de Língua

The following program for the exhibition *Actos de Língua*, proposes to broaden its references and concerns by inviting a group of artists and researchers who address themes as diverse as the non-normative body in the arts, the relationship between moving images and the movement of bodies, as well as the connections between expanded choreography and expanded cinema.

Saturday, September 12th | 6 PM | Floor -1

CRASH with Diana Niepce

Presentation of excerpts from works by artists with disabilities, towards an existentialist reflection led by choreographer and dancer Diana Niepce on the limits of art, ethics, and transgression. Works related to sadomasochism, the Holocaust, body transformations, and violent performances will be exhibited.

In Portuguese with Portuguese Sign Language.

Saturday, September 19th | 6 PM | Floor -1

3 FILMDANCES BY ELAINE SUMMERS

followed by a conversation with Sílvia Pinto Coelho and Ana Godinho

For Elaine Summers film and dance were areas of one field of exploration, rather than separate categories. Even her film-mediated works are dances as much as films. “Two Girls Downtown Iowa” (1973) uses slowness to create movement escaping gravity, eventually intermixing dance and pedestrian life. “Windows in the Kitchen” (1981) follows Afro-American dancer Matt Turney, formerly star dancer of the Martha Graham company, exploring internal movement with Summers’ dance technique Kinetic Awareness, against the large windows of the famous art center The Kitchen in New York, playing with our sense of time, to the accentuated singing of Jay Clayton. “Judson Fragments” (1965) was created as an improvisation from films that Elaine Summers had used for her groundbreaking mixed-media solo concert “Fantastic Gardens” (1964) together with other footage that she shot during her time with the collective Judson Dance Theater. Music by composers Malcolm Goldstein and John Herbert McDowell completes the work into a testimony of the spirit of open artistic collaboration that was so characteristic of the time and for this scene of people.

In Portuguese with Portuguese Sign Language.

Films by Elaine Summers are shown courtesy of the Jerome Robbins Dance Division, the New York Public Library for the Performing Arts, with special thanks to the Artistic Estate of Elaine Summers.

Saturday, September 26 | 6 PM | Floor -1

SEGMENTS OF SCORES with James Newitt and Carlos M. Oliveira

Departing from the Actos de Língua project, its two authors discuss the use of scores at the confluence between expanded choreography and expanded cinema. They discuss choreographic scores, recording scores, and montage scores, whether these are of images or of bodies in motion.

In Portuguese and English with Portuguese Sign Language Interpretation.

Saturday, October 3 | 2 PM | Floor -1

AUDIO DESCRIPTION IN THE VISUAL ARTS with José Gregório Rojas

Short workshop with José Gregório Rojas, focusing on best practices in audio description within the context of the visual arts, using the installation *Actos de Língua* as an example.

In Portuguese.

Saturday, October 3 | 6 PM | Floor -1

BODIES AND LANGUAGES with Aliu Baio, Ana Ribeiro, Ana Trincão, Maria Meneses, Teresa Figueiredo, Tony Weaver, and Diana Niepce

Roundtable conversation with the interpreters of the installation *Actos de Língua*, focusing on the relationship between normative and non-normative bodies in the performing arts in Portugal, moderated by choreographer and dancer Diana Niepce.

Conversation in Portuguese with Portuguese Sign Language.

Saturday, October 10th | 6 PM | Floor -1

THE TUBA THIEVES with Ellie Ga and Ana Ribeiro

Screening of the film *The Tuba Thieves* (2023), by American director Alison O'Daniel, followed by a conversation with artists Ellie Ga and Ana Ribeiro about the relationship between body, image, and listening.

Film in English with descriptive subtitles and audio description in English.

Conversation in Portuguese and English with Portuguese Sign Language.

The film is shown courtesy of Open Captions LLC.

Saturday, October 17th | 7 PM | Floor 1

ACT—CONCERT with Diogo Alvim

A concert by musician and composer Diogo Alvim, based on the multichannel device of *Actos de Língua*. The concert develops the various sound materials used in the installation, exploring different spatial and communicational relationships.

Leaves in the underbrush (addressing the infrastructures of perception and discourse)

Paula Caspão

Actos de Língua makes me reconsider what it means – for each of us – to find ourselves planted here. What it means to operate from within our languages, tongues and manners of speaking, as well as from the specificity of our equipment of perception and movement: their possibilities, constraints, habits and particular styles. To be sure, the most naturalized ways of sensing and perceiving, identifying, naming, classifying, relating, separating, and transmitting are anything but neutral. That is why the seemingly simple fact of using the body and language daily to think, sense and do things requires attention to the way history and ideology move and sediment not only in words, but also in the infrastructures of perception and movement; to the way our forms of organizing movements, senses and discourses travel across histories and ideologies that comprise multiple layers of systemic violence.

By questioning the conditions and terms in which we move, sense, (re)cognize, think, and communicate, *Actos de Língua* addresses socio-political facts that are usually well camouflaged in everyday life and remain unaccounted for as a leaf in the underbrush. For perception and discourse are things we do every day (the ‘domestic’ dimension of life and of any artistic work, so to speak); things we rarely have time to examine in appropriate conditions. It seems to me that *Actos de Língua* mobilises precisely those domesticities that constitute the ground from which we are given to rethink the composition of the common. A necessarily convoluted common, in which dissonant complicities abound. The ground that emerges when we begin to ask, for instance:

How to account for the several layers of systemic violence manifest in the infrastructures of everyday perception.

How can we truly interrogate the infrastructures of knowledge and history (which are indebted to deeply embedded infrastructures of perception and discourse) that often prevent us from knowing in other ways, from seeing and hearing other stories, from imagining other forms of relation and other forms of life.

How can we move against the current of institutionalization of a continuous movement without breaks (the implicit pedagogy of capitalism).

What practices of collective perception do we need to rehearse in order to live in better conditions than those we are offered in the current society of performance (which can also be called ‘the more than expanded society of plantation’).

What movements – what images – what imaginations – what remediations – of perception and discourse do we need to practice together, differently.